

UNIVERSIDADE ALTO VALE DO RIO DO PEIXE - UNIARP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO BÁSICA - PPGEB

VOZES AUTISTAS

EXPERIÊNCIAS E PERCEPÇÕES SOBRE
INCLUSÃO



PRODUTO EDUCACIONAL

MARILÚ APARECIDA CARLINI DE MORAES
SHIRLEI DE SOUZA CORRÊA
LIDIANE FÁTIMA GRUTZMANN

CAÇADOR
2025

UNIVERSIDADE ALTO VALE DO RIO DO PEIXE - UNIARP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO BÁSICA - PPGEB

VOZES AUTISTAS

EXPERIÊNCIAS E PERCEPÇÕES SOBRE INCLUSÃO

PRODUTO EDUCACIONAL

MARILÚ APARECIDA CARLINI DE MORAES
Mestranda

SHIRLEI DE SOUZA CORRÊA
Orientadora

LIDIANE FÁTIMA GRUTZMANN
Coorientadora

Linha de Pesquisa
Cultura, ensino, saúde e formação docente

CAÇADOR
2025

VOZES AUTISTAS

EXPERIÊNCIAS E PERCEPÇÕES SOBRE INCLUSÃO

PRODUTO EDUCACIONAL DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
"INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA
NA EDUCAÇÃO BÁSICA"
DEFENDIDA EM 26 DE ABRIL DE 2025

Objetivo do Produto Educacional:

Produzir um podcast com estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), sobre suas experiências e percepções acerca dos processos de inclusão vivenciados em sua trajetória educacional.

Palavras-chave: Educação Inclusiva. Transtorno do Espectro Autista. Processos de inclusão. Ensino e aprendizagem.

Linha de pesquisa
Cultura, Ensino, Saúde e Formação Docente

AUTORIA

Marilú Aparecida Carlini de Moraes, Shirlei de Souza Corrêa e Lidiane Fátima Grutzmann

Caçador, 2025

CARTA AO LEITOR

Este Produto Educacional foi elaborado com a participação de cinco estudantes participantes da pesquisa, diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista (TEA), que resultou na Dissertação de Mestrado intitulada “As Percepções Dos Estudantes Com Transtorno Do Espectro Autista Sobre O Processo De Inclusão Nos Espaços Escolares”.

Os estudantes participantes são sujeitos cheios de vida, de entusiasmo e de sonhos, que podem ser percebidos por suas falas no podcast produzido com eles. Eles demonstraram motivação e satisfação em compartilhar suas vivências, percepções e experiências, podendo, por meio delas, contribuir com a inclusão de outros autistas.

No decorrer do podcast, pode-se perceber que a inclusão ainda é um desafio nos espaços escolares, bem como na sociedade em geral. Ao dar voz a esses estudantes, é possível ter uma visão sobre as barreiras que enfrentam em seu cotidiano. Além disso, pode-se desafiar suposições e estereótipos comuns sobre o autismo e promover uma compreensão mais profunda e empática sobre as necessidades e desafios dessas pessoas.

Ao considerar as perspectivas desses estudantes, pode-se trabalhar em direção a uma inclusão mais eficaz e mais significativa, que valorize e apoie a diversidade de todos os estudantes, independentemente de suas habilidades e particularidades. O produto sugere também alguns passos que podem ser seguidos pelos professores da Educação Básica que desejarem reproduzir um espaço qualificado de escuta em suas escolas, contribuindo assim para uma prática mais sensível e atenta às vozes dos próprios estudantes.

AUTORIA DO PRODUTO EDUCACIONAL



Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Básica (PPGEB) da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP), Campus de Caçador - SC. Especialista em Educação Infantil, Séries Iniciais e Gestão Escolar pela Faculdade Avantis. Graduada em Normal Superior pela Faculdade Educacional da Lapa (2008), graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (2008). Kursou Magistério (Pós Ensino Médio) pela Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí - UNIDAVI (1998). Professora dos anos iniciais do ensino fundamental na EEB Expedicionário Mário Nardelli, Rio do Oeste - SC - Secretaria de Educação do Estado de Santa Catarina.



Doutora em Educação na área de Currículo pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), com estágio sanduíche na Universidade do Minho (Portugal). Mestre em Educação e licenciada em Pedagogia pela mesma instituição. Atua como docente nos cursos de licenciatura da UNIFEBE e no Programa de Pós-Graduação em Educação Básica (PPGEB) da UNIARP. Participa de grupos de pesquisa voltados à formação docente, inclusão, currículo e políticas públicas. Integra o corpo docente responsável pela implantação do Mestrado em Educação em Rede da UNIARP e UNIFEBE.



Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), com tese premiada no IV Prêmio de Reconhecimento Acadêmico em Direitos Humanos (Unicamp/Instituto Vladimir Herzog). Mestre em Educação pela PUCPR, é licenciada em Filosofia, História e Pedagogia. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Básica (PPGEB) da UNIARP, do curso de Pedagogia e colaboradora na UFPR (2023/2024). Com 24 anos de experiência na Educação Básica, pesquisa temas como fundamentos da educação, ensino de filosofia e sociologia, políticas educacionais, democracia e agnotologia.

SUMÁRIO

OS PARTICIPANTES	7
1 PRINCÍPIOS PEDAGÓGICOS	9
1.1 Concepções sobre o Autismo	11
1.2 Espaços Inclusivos para autistas	13
1.3 Escolas Inclusivas para todos	15
2 AMBIENTES DE ESCUTA DE ESTUDANTES COM TEA	17
2.1 Criando um ambiente de escuta seguro para estudantes com TEA	18
3 PODCAST	19
3.1 Percepções sobre as rotinas	20
3.2 Percepções sobre a convivência na escola	22
3.3 Percepções sobre a aprendizagem	24
4 CONSIDERAÇÕES	30
REFERÊNCIAS	32

OS PARTICIPANTES

Os estudantes participantes desse podcast são cinco jovens com Transtorno do Espectro Autista (TEA), que fazem parte da APAMES - Associação de Pais e Mães de Pessoas com Deficiência Intelectual e Autismo, do município de Rio do Oeste, Santa Catarina.

Quanto ao perfil desses participantes, dois são estudantes universitários sendo que, uma delas Cursa Ciências da Computação, se define eclética, gosta de animais e se preocupa muito com outros autistas, ficando desconfortável quando percebe que algum deles não está sendo incluído em seu espaço.

O segundo, acadêmico de Letras com Habilitação em Português e Espanhol, gosta de línguas latinas, futebol, eletrodomésticos, especialmente máquina de lavar roupas e tem fascínio por produtos de limpeza. Tem ouvido absoluto, canta e se apresenta em eventos de sua região. Faz aulas de música e teatro. Ama estar em família. É companheiro de seus pais em todas as atividades. Entre eles há dois estudantes do Ensino Médio, um do terceiro ano que, há quatro anos sofreu um acidente, ficou paraplégico, fez várias cirurgias e, hoje, superou a deficiência física, seus movimentos voltaram, o que o permite ser um praticante de artes marciais. Como atleta de karatê, já recebeu premiações em diversos campeonatos. Além disso, gosta de desenhar e pretende estudar designer.

O outro é estudante do primeiro ano, gosta de linguagem e tecnologia, é autodidata e autônomo na superação de conteúdos não assimilados na sala de aula.

E, por fim, uma estudante do oitavo ano do Ensino Fundamental, bem ativa em seu dia a dia, eclética, ocupa seu tempo fazendo múltiplas tarefas. Quando sobra um tempo, é manicure.

Vale salientar que, todos esses estudantes são exemplos inspiradores de superação e de determinação, além de enfrentarem os desafios acadêmicos diários, ainda dedicam tempo e esforço para realizar diversas terapias, como fonoaudiologia, terapia ocupacional, psicoterapia e musicoterapia, bem como cursos extracurriculares: idiomas, música, karatê e teatro.

Eles demonstram que, com apoio adequado, é possível superar desafios e alcançar objetivos. São um testemunho vivo da importância de investir na educação e no desenvolvimento de todos os estudantes.

Todos esses estudantes participaram da pesquisa de Mestrado que resultou em uma dissertação intitulada *Percepções de Estudantes com Transtorno do Espectro do Autismo Sobre o Processo de Inclusão nos Espaços Escolares*.

01

P R I N C Í P I O S
P E D A G Ó G I C O S

01



1
**CONCEPÇÕES
SOBRE O
AUTISMO**

2
**ESPAÇOS
INCLUSIVOS
PARA AUTISTAS**

3
**ESCOLAS
INCLUSIVAS
PARA TODOS**

1.1 CONCEPÇÕES SOBRE O AUTISMO

O TEA é uma condição complexa que desperta crescente interesse em diversas áreas do conhecimento, sobretudo pela sua abrangência e seu impacto na vida das pessoas diagnosticadas, de suas famílias e da sociedade em geral.

Caracterizado por alterações nas interações sociais, na comunicação e por comportamentos repetitivos ou restritivos, o TEA apresenta uma gama variada de manifestações que tornam sua compreensão um desafio e, ao mesmo tempo, uma necessidade nos âmbitos científico e educacional.

Nesse sentido, é importante ressaltar que “O TEA não é doença, mas sim, uma condição neurológica que afeta principalmente a comunicação social e o comportamento socialmente adequado” (Couten, 2023, p. 27).

O TEA possui uma trajetória histórica marcada por avanços conceituais e por mudanças de paradigmas no campo da saúde e da sociedade. Para tanto, Fernandes e Silva (2023, p.02) ressaltam “[...] que o TEA é um diagnóstico específico que se encontra englobado no DSM-V como parte do grupo de transtornos do neurodesenvolvimento”.



Eugen Bleuler

Segundo Monteiro, “A palavra autismo vem do grego “autos”, que significa “voltar-se a si mesmo” (2019, p. 22), e “[...] foi utilizada pela primeira vez em 1911, pelo psiquiatra austríaco, Eugen Bleuler, para nomear um grupo de características sintomáticas apresentados por pacientes diagnosticados como esquizofrênicos” (Teixeira, 2019, p.44).

Freire e Nogueira também afirmam que o termo “autismo”, foi utilizado “[...] pela primeira vez pelo Dr. Eugen Bleuler, em 1911, na tentativa de descrever o que até então acreditavam ser um sintoma da esquizofrenia” (2023, p. 03-04).

Na década de 1940, os trabalhos pioneiros de Leo Kanner e Hans Asperger consolidaram os fundamentos do que hoje conhecemos como TEA. Barros et.al inclusive, destacam que “[...] antes do experimento de Leo Kanner, o autismo era considerado somente um sintoma da esquizofrenia ou um retardamento mental [...]” (2020, p. 05).



Leo Kanner

Souza (2023) afirma que o tema do autismo tem sido objeto de inúmeras hipóteses e teorias ao longo do tempo.

Com diferentes perspectivas sobre suas causas e manifestações, essas discussões continuam a serem debatidas, o que, por sua vez, contribuiu para a construção da classificação atual do transtorno, amplamente adotada por profissionais e pesquisadores, especialmente nas áreas de saúde e educação.

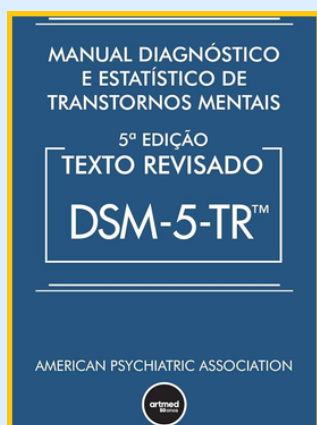


Hans Asperger

A última edição do DSM-5 (2013) promoveu mudanças significativas na classificação do autismo, eliminando o termo “transtorno global do desenvolvimento” e transferindo a síndrome de Rett para um capítulo separado.

O DSM-5 destaca a noção de "espectro", que abrange a variabilidade nas manifestações e nos níveis de suporte necessários, refletindo a diversidade de experiências individuais.

Já a CID-11 reforça a ideia de impacto funcional, considerando o quanto as características do TEA afetam a vida do indivíduo em diferentes contextos e etapas do desenvolvimento. Por outro lado, a definição da SBP, embora mais concisa, converge com as demais ao apontar os desafios no neurodesenvolvimento, salientando as dificuldades na comunicação e no comportamento.



DSM - 5 (2013)

Além disso, a nomenclatura de "transtorno do espectro autista" passou a englobar condições como o autismo, síndrome de Asperger, transtorno desintegrativo da infância e transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação.

Os critérios diagnósticos para o TEA, conforme o DSM-5, foram divididos em dois grandes grupos: déficits persistentes na comunicação e na interação social, tanto verbal quanto não verbal em diferentes contextos, e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (Liberalesso, 2020).

O DSM-5 atualizou os critérios diagnósticos do Transtorno do Espectro Autista (TEA) em níveis de apoio: Nível 1 de suporte: Requer apoio (leve); Nível 2 de suporte: Requer apoio substancial (moderado/grande); Nível 3 de suporte: requer apoio muito substancial (intenso/severo/grave).

O aumento da prevalência do diagnóstico reforça a urgência de estudos que ampliem o entendimento sobre o transtorno e subsidiem práticas inclusivas. A evolução do conceito de autismo reflete não apenas os avanços científicos, mas também mudanças nas perspectivas culturais e sociais.

De uma visão inicial limitada, restrita a determinados padrões comportamentais, o TEA passou a ser compreendido como um espectro, abrangendo uma diversidade de níveis de suporte e de habilidades.

Essa transformação foi acompanhada por uma maior conscientização social sobre a importância de acolher as diferenças individuais e de buscar estratégias que promovam a inclusão e a qualidade de vida das pessoas autistas em diferentes contextos.

1.2 ESPAÇOS INCLUSIVOS PARA AUTISTAS

A legislação internacional sobre o TEA reflete um movimento crescente em prol da inclusão e da proteção dos direitos das pessoas com autismo, com foco em sua participação plena na sociedade. Portanto, “[...] é essencial compreender as leis que garantem seu acesso e amparo em todos os contextos da sociedade, com ênfase na escola” (Quaresma, 2023, p. 10).

Esses instrumentos legais, ao consolidarem direitos e promoverem a equidade, servem de base para que as políticas públicas em diferentes países sejam desenvolvidas com foco na inclusão, refletindo uma visão de sociedade mais justa e mais acessível para todos.

Recentemente, o Plano de Ação Global para o Autismo, lançado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 2021, trouxe à tona a necessidade de políticas públicas que assegurem a inclusão educacional e o apoio adequado às pessoas com TEA, reconhecendo o papel central da educação no desenvolvimento de suas habilidades e na garantia de sua participação plena na sociedade.



Diante do exposto, é possível perceber que houve avanços importantes na garantia dos direitos dessas pessoas, tanto no cenário internacional quanto no Brasil. As normas e leis analisadas, como a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e a Lei Brasileira de Inclusão, visam assegurar direitos fundamentais, com foco na educação e na promoção de uma vida digna para as pessoas com TEA.

No entanto, para que essas garantias sejam plenamente efetivadas, é essencial que haja um comprometimento contínuo das autoridades na implementação dessas políticas, além de um esforço coletivo da sociedade para promover ambientes verdadeiramente inclusivos.



Para Paoli e Machado (2022), os movimentos sociais em defesa da diversidade têm promovido avanços significativos nas concepções sobre deficiência e nas lutas por direitos e por inclusão, buscando o reconhecimento das singularidades e a criação de oportunidades para novas formas de expressão.

A pesquisa que resultou neste Produto Educacional, se fundamenta ainda na perspectiva teórica da sociologia dos indivíduos, proposta por Bernard Lahire (2005) e Danilo Martuccelli (2012).



Danilo Martuccelli

Essa perspectiva traz à luz a pluralidade interna dos sujeitos e suas múltiplas experiências sociais e permite compreender os estudantes autistas como sujeitos ativos e reflexivos, cujas trajetórias sociais moldam suas formas únicas de interagir com o ambiente escolar.

A compreensão e a adaptação das práticas pedagógicas para pessoas com TEA são relevantes para promoverem um aprendizado efetivo e uma interação social mais significativa.

Como evidenciado pelos estudos de Souza e Paim (2021), e Pereira (2019), convém que as abordagens educacionais considerem as características individuais de cada aluno, garantindo que o currículo e as estratégias utilizadas atendam às suas necessidades específicas.

O reconhecimento da importância da rotina e da previsibilidade, conforme apontado por Pereira e Sousa (2023), também se destaca como um fator essencial para criar um ambiente seguro e estimulante, permitindo que os indivíduos com TEA se sintam mais confortáveis e mais preparados para aprender.

Portanto, ao respeitar e entender as especificidades do autismo, é possível promover um ambiente inclusivo e enriquecedor, essencial para o desenvolvimento integral e para a construção de relações sociais mais saudáveis e mais humanas.



Bernard Lahire

1.3 ESCOLAS INCLUSIVAS PARA TODOS

O processo de inclusão é definido, conforme Carneiro (2013, p. 29), como conjunto de processos educacionais que “buscam alargar o acesso à escola regular, ampliar a participação e assegurar a permanência de todos os estudantes nela, independentemente de suas particularidades”.

No Brasil, a constituição de 1988 foi um marco importante para o processo de inclusão. Coelho et.al, relatam que “A Constituição Federal Brasileira (1988) foi o primeiro documento constitucional que apresentou, por meio de seus artigos e capítulos, garantias de ações voltadas à pessoas com deficiência” (2023, p. 448).

A educação inclusiva, nesse ínterim, convém estar pautada, conforme a LDB 9394/96, nos artigos 58 a 60 e a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, por uma ação política, cultural, social e pedagógica, buscando o direito de todos os alunos estarem juntos, participando, compartilhando saberes e aprendendo, sem nenhum ato de discriminação.

Assim, convém que as escolas garantam o direito de acesso, de permanência, a igualdade de condições e de equidade, garantindo uma educação de qualidade.

Ressalta-se que é direito de todos o “atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, transversal a todos os níveis, etapas e modalidades”, com preferência para a rede regular (Brasil, 1996).

Nessa perspectiva, é fundamental conhecer as políticas de inclusão existentes no país, garantindo o cumprimento da legislação que contemple os direitos das pessoas com deficiência, bem como iniciativas de elaboração e de divulgação de materiais adequados e recursos tecnológicos disponíveis que possibilitem a inclusão de forma integral e verdadeira, com o intuito de garantir a aquisição do conhecimento por parte de todos os alunos, sem exceção.

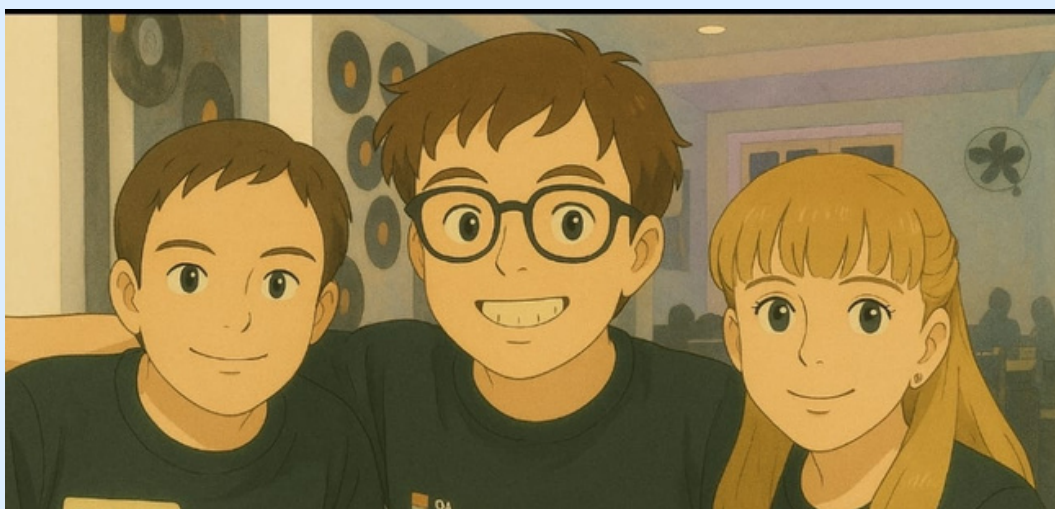


**Constituição Federal
1988**



PNEEPI - 2008

Garantir uma educação verdadeiramente inclusiva é um desafio complexo que requer não apenas ações do Estado, mas também um engajamento amplo da sociedade. Isso envolve mudanças significativas em diversas áreas, incluindo infraestrutura, recursos humanos e materiais, além da necessidade de formação inicial e continuada de qualidade. É fundamental também superar barreiras atitudinais, permitindo que haja uma valorização genuína do “outro diferente” (Araújo; Lima; Martins, 2022).



Ainda que muito discutido, sabe-se que são muitos os desafios encontrados nesse processo de inclusão. O cotidiano escolar é marcado por inúmeras particularidades e com relação à questão da Educação inclusiva, constantes questionamentos dos profissionais da educação no que diz respeito ao suporte oferecido pelo poder público, garantido por lei, para a inclusão do estudante com deficiência na escola, permeiam as discussões.

Inferir-se que o professor não pode seguir sozinho nessa trajetória, pois toda a comunidade escolar precisa estar envolvida. Essa parceria possibilita que os estudantes “[...] possam construir o seu aprendizado e participar de modo efetivo da vida da escola e comunidade, já que a inclusão propõe mudanças de paradigmas e perpassa os muros da escola”. (Araújo, Lima e Martins, 2022, p. 4)

Desse modo, faz-se necessário compreender que a inclusão “implica uma mudança de perspectiva educacional, pois não atinge apenas alunos com deficiência e os que apresentam dificuldades de aprender, mas todos os demais” (Mantoan, 2003, p. 16), trata-se, portanto, de um movimento social.

Assim, este produto se compromete a contribuir para a ressignificação da cultura escolar, favorecendo o aprendizado e a cidadania de todos os alunos, independentemente de suas diferenças.

02

A M B I E N T E S D E
E S C U T A D E
E S T U D A N T E S
C O M T E A

02

CRIANDO UM AMBIENTE DE ESCUTA SEGURO PARA ESTUDANTES COM TEA



Made with Napkin

03

P O D C A S T

03

3.1 PERCEPÇÕES SOBRE AS ROTINAS

Conforme evidenciado nas falas dos estudantes, a presença de atividades variadas, como cursos, terapias e interações sociais, indica um nível significativo de engajamento em diferentes contextos, o que pode contribuir para a inclusão e o desenvolvimento de habilidades socioemocionais. Observa-se também, pelas percepções desses estudantes que estratégias pedagógicas que reforcem a previsibilidade e ofereçam suporte para a organização da rotina podem ser fundamentais para promover o bem-estar e a autonomia dos estudantes autistas.



As respostas dos alunos revelam uma diversidade de interesses e de preferências que refletem tanto aspectos individuais quanto características frequentemente associadas ao autismo. A presença de hiperfocos, como o interesse por máquinas de lavar, idiomas e coleções, destaca a intensidade e a profundidade com que alguns estudantes se envolvem em determinados temas. Para Feltrin (2022 p.113) “Hiperfoco, interesses específicos e preferências da criança com TEA podem ser usados para incentivar o desenvolvimento de habilidades e talentos”).

Esses interesses podem ser potencializados no ambiente escolar como recursos pedagógicos para estimular a aprendizagem e o engajamento. Além disso, a valorização de atividades sensoriais sugere a necessidade de atenção aos estímulos ambientais na escola, uma vez que experiências sensoriais podem impactar o bem-estar desses alunos.

O gosto pelas tecnologias pode indicar uma forma de comunicação, acesso à informação ou ao entretenimento, reforçando a importância da tecnologia na rotina desses alunos.

A tecnologia pode ser uma ferramenta poderosa para a aprendizagem, como enfatiza Spurio (2019, p. 44), ao afirmar que “na sociedade tecnológica, o papel do professor como interventor das aprendizagens é de se preparar para atender essa nova geração tecnológica. O professor poderá utilizar-se da metodologia com o lúdico e da tecnologia na educação inclusiva.

A música, mencionada em algumas respostas, pode ser uma fonte de relaxamento e prazer, além de contribuir para o desenvolvimento cognitivo dos estudantes. Lahire (2005) argumenta que as práticas cotidianas são fundamentais para compreender a socialização e a singularidade das experiências pessoais. Para esses estudantes, tais atividades podem significar formas de relaxamento, de controle ou de autorregulação emocional, além de contribuírem para o desenvolvimento de habilidades práticas e sociais.



Por fim, o hiperfoco citado em algumas respostas evidencia um aspecto central do funcionamento cognitivo de muitos autistas. De acordo com Monteiro (2019 p.37) [...] “a aprendizagem voltada ao centro de interesse do aluno (hiperfoco), juntamente com os materiais adaptativos, que favoreçam a superação dos obstáculos impostos pelo TEA, poderão favorecer a apropriação dos conhecimentos escolares de forma ativa e criativa.”

O fato de estarem intensamente concentrados em um interesse específico pode representar não apenas satisfação e tranquilidade, mas também um caminho para fortalecer a aprendizagem e favorecer o desenvolvimento acadêmico, caso seja integrado de maneira estratégica ao contexto escolar. Dessa forma, compreender essas preferências permite que a escola desenvolva estratégias mais inclusivas, respeitando as singularidades dos alunos autistas e criando um ambiente de ensino que favoreça seu desenvolvimento integral.

Os hiperfocos, mencionados explicitamente nas respostas, representam disposições particularmente fortes e específicas. De acordo com Lahire (2005), as disposições podem variar em força e em centralidade para cada indivíduo.

No caso dos estudantes autistas, os hiperfocos não são apenas hobbies ou interesses passageiros, mas podem representar estruturas internas estáveis, extremamente relevantes na organização do cotidiano.

Entendemos o quanto essas disposições específicas podem ser aproveitadas pedagogicamente, desde que haja sensibilidade da equipe multidisciplinar em traçar o perfil pedagógico de cada indivíduo.

Aproveitar os hiperfocos, os interesses tecnológicos, as sensibilidades sensoriais e os vínculos emocionais são caminhos importantes para promover um processo de inclusão efetivo e significativo.

3.2 PERCEPÇÕES SOBRE A CONVIVÊNCIA NA ESCOLA

As questões abordam aspectos acerca do acolhimento no espaço escolar, em como o estudante se sente e se percebe nesse espaço, sua relação com colegas de classe e com professores, bem como as dificuldades enfrentadas e se os estudantes se sentem incluídos nesse ambiente.

A exclusão, seja por atitudes de desrespeito, como piadas e tratamento infantilizado, ou pela falta de afinidade nas preferências e nos interesses, pode prejudicar o aprendizado e o bem-estar emocional desses alunos. Mantoan (2003, p. 43) afirma que “Ensinar, na perspectiva inclusiva, significa ressignificar o papel do professor, da escola, da educação e de práticas pedagógicas que são usuais no contexto excludente do nosso ensino, em todos os seus níveis”. Assim, é essencial que a escola repense suas práticas e promova ações mais efetivas para garantir a inclusão real e o respeito à diversidade.

A percepção de tratamento infantilizado e a vivência de atitudes negativas, como piadas e bullying, reforçam que o ambiente escolar é uma instância socializadora por excelência e que pode tanto criar quanto reforçar certas disposições internas negativas, como insegurança e baixa autoestima.

Lahire (2005) sugere que a escola, ao reproduzir práticas sociais preconceituosas ou excludentes, contribui negativamente para a formação das disposições dos estudantes, dificultando seu processo de individualização positiva e sua inserção social saudável.

As respostas que explicitam diretamente a consciência da condição autista ("Sim, por conta do autismo") revelam uma disposição interna reflexiva e crítica. Lahire (2005) considera essa consciência sobre si mesmo como uma condição de possibilidade para a autonomia e para a compreensão das relações sociais.



Contudo, ela também expõe claramente os limites estruturais da escola, que nem sempre oferece aos estudantes condições adequadas de pertencimento e de inclusão, intensificando a percepção de diferença e de distanciamento social.

A percepção de exclusão por mais da metade dos estudantes demonstra que a escola, como contexto de socialização, não está cumprindo plenamente seu papel inclusivo. Entendemos o quanto as instituições têm papel fundamental na formação das disposições individuais, e que práticas pedagógicas inclusivas são essenciais para modificar positivamente as disposições relacionadas à autoestima e à integração social.

O ambiente escolar pode ser considerado acolhedor apenas quando há consistência nas ações de respeito, de compreensão e de adaptação das práticas pedagógicas e sociais, garantindo que todos os alunos, independentemente de suas características, se sintam aceitos e respeitados.



Nesse sentido, Guimarães (2003, p.54) certifica que “Pensar uma escola inclusiva que respeite as capacidades dos seus alunos e busque condições favoráveis ao seu desenvolvimento pedagógico torna-se essencial.” A necessidade de ações mais efetivas contra bullying e práticas excludentes é clara, e convém que seja uma prioridade para criar um ambiente verdadeiramente inclusivo.

Desse modo, uma sociologia aplicada à escala individual, como a proposta por Lahire, nos ajuda a perceber que as experiências escolares moldam profundamente as disposições internas dos estudantes, influenciando diretamente como eles percebem a si mesmos, como vivenciam as relações sociais e como constroem sua identidade e sua autonomia pessoal.

Segundo Lahire (2005), é necessário distinguir claramente as disposições para agir (comportamentos efetivamente manifestados) das disposições para crer (crenças internalizadas, normas sociais que podem não resultar diretamente em ações).

Aplicando esse conceito à análise dos estudantes autistas, é possível observar, por exemplo, que alguns estudantes internalizam a ideia de que deveriam se adaptar ou se sentir aceitos pelos colegas (crença), mas na prática sentem-se rejeitados ou infantilizados pelos colegas (ação). Essa diferença entre crenças e práticas pode gerar sentimento de frustração, de inadequação ou de ansiedade, como ficou evidente nas respostas coletadas.

Embora o participante E1 tenha citado uma relação "boa", a variedade de respostas sugere que, para muitos estudantes com autismo, as relações interpessoais podem ser complicadas, envolvendo tanto momentos de inclusão quanto de distanciamento e de desconfiança.

As respostas ainda indicam que a inclusão na escola é uma experiência diversa e que depende de vários fatores, como as ações da instituição, o comportamento dos colegas e a motivação pessoal dos estudantes. Enquanto alguns sentem-se plenamente incluídos, outros mencionam que, embora haja esforços para incluí-los, ainda existe uma sensação de exclusão ou de limitações.

Isso sugere que, para alcançar uma verdadeira inclusão, é necessário que tanto a escola quanto os estudantes desenvolvam práticas e atitudes que promovam um ambiente acolhedor e que envolvam a todos ativamente, respeitando suas individualidades e oferecendo oportunidades de participação em todas as dimensões da vida escolar.

As respostas evidenciam que, de forma geral, os alunos possuem uma relação boa com seus professores, com respeito mútuo sendo um aspecto destacado. No entanto, as questões sobre a falta de conhecimento e a resistência de alguns educadores em relação às adaptações necessárias para os estudantes com autismo ou outras necessidades evidenciam a importância de uma formação contínua dos docentes, para garantir que todos os alunos sejam tratados de forma adequada.

Além disso, o apoio dos professores, especialmente quando eles são prestativos e compreensivos, é fundamental para que os alunos se sintam acolhidos e incluídos no ambiente escolar. A boa relação com os professores é um dos pilares para o sucesso escolar, sendo necessária uma atenção constante a essas dinâmicas de interação, especialmente em contextos de inclusão. Para Souza (2022, p.150), “Independente da turma ter ou não a presença de um autista, a observação faz parte da prática docente”.



As dificuldades apontadas pelos estudantes abrangem diferentes aspectos do ambiente escolar, refletindo as complexidades do processo de inclusão.

Questões como a necessidade de adaptações devido às sensibilidades sensoriais e à seletividade alimentar indicam que nem todas as escolas estão suficientemente preparadas para atender aos alunos com necessidades específicas, o que pode prejudicar o desenvolvimento desses estudantes.

Além disso, a dificuldade de socialização e o comportamento inadequado de alguns colegas, como a manipulação e a exclusão, indicam a necessidade de ações mais eficazes para combater o bullying e promover um ambiente mais acolhedor e respeitoso. A falta de compreensão sobre o autismo por parte de alguns professores também é uma barreira significativa, prejudicando a relação entre educadores e alunos e afetando o processo de aprendizagem.

Por fim, as questões relacionadas ao barulho excessivo e à falta de foco da turma apontam para a necessidade de criar um ambiente de aprendizado mais favorável, com mais atenção às necessidades individuais de cada aluno. Portanto, essas dificuldades, quando não devidamente abordadas, podem comprometer a inclusão plena e o sucesso acadêmico dos alunos com necessidades específicas.

Os relatos demonstram claramente que os contextos escolares ainda enfrentam dificuldades em validar positivamente as disposições específicas desses alunos. Questões como barulho excessivo, atitudes inadequadas dos colegas e falta de compreensão por parte de alguns professores evidenciam uma socialização marcada por tensões e conflitos disposicionais. Esses conflitos, segundo Lahire (2005), podem levar os indivíduos a experimentarem um profundo desgaste emocional e social, dificultando a ativação de suas melhores disposições cognitivas e emocionais.

Por outro lado, o desejo explícito dos estudantes por mais compreensão e mais empatia dos colegas sugere que a escola poderia funcionar como um espaço privilegiado para a criação de novas disposições positivas, por meio de práticas pedagógicas inclusivas e sensibilizadoras. A sociologia aplicada à escala individual reforça que, para transformar essa realidade, é essencial que a instituição escolar reconheça e acolha a pluralidade interna dos alunos autistas, garantindo contextos sociais favoráveis ao desenvolvimento de suas capacidades individuais.



A análise das respostas fornece uma visão sobre como os alunos percebem sua interação com os colegas e os professores, e como esses fatores podem impactar sua autoestima e seu engajamento nas atividades escolares. A partir dessas respostas, foi possível identificar padrões de inclusão, de discriminação social, e as barreiras que ainda existem no processo de adaptação do ambiente escolar para atender às necessidades de todos os alunos.

Pelas falas dos estudantes, ainda é possível observar a complexidade do processo de inclusão escolar, evidenciando tanto avanços quanto desafios que ainda precisam ser superados. De modo geral, os estudantes reconhecem a importância do apoio pedagógico, das adaptações curriculares e do respeito às diferenças como fatores essenciais para a construção de um ambiente escolar mais acessível e acolhedor.

3.3 PERCEPÇÕES SOBRE A APRENDIZAGEM

Quanto às estratégias de enfrentamento em relação às dificuldades de aprendizagem, observou-se que as táticas que os próprios estudantes utilizam para superar dificuldades demonstram uma tendência à autorregulação do aprendizado, mas também apontam que o suporte externo poderia ser melhor estruturado.

O barulho excessivo e a falta de atenção dos colegas mencionados no podcast, interfere diretamente no aprendizado, além da necessidade de dedicação extra fora da escola para superar as dificuldades de apropriação do conhecimento. O ambiente tumultuado e a falta de foco da turma geram dificuldades no aprendizado do aluno, que se vê forçado a compensar com estudo extra fora da sala de aula.

Por meio da análise das falas dos estudantes, percebe-se que “Estratégias de Aprendizado Autônomo”, incluem estudantes que buscam fontes externas, como vídeos na internet e pesquisas no Google, para complementar o que é aprendido em sala de aula. Essa busca por alternativas digitais evidencia a autonomia no processo de aprendizagem, além de uma adaptação às ferramentas tecnológicas disponíveis.



Quanto à realização das atividades, as falas dos estudantes indicam que a autonomia deles varia de acordo com as atividades propostas e com o suporte disponível. Enquanto alguns conseguem realizar tarefas de forma independente, outros precisam de auxílio contínuo, o que reforça a necessidade de abordagens diferenciadas de ensino. “Uma vez que entendemos a diferença como uma qualidade da espécie humana, é necessário conhecer diferentes estratégias de ensino a fim de viabilizar o melhor processo de ensino-aprendizagem conforme as demandas singulares desse alunado” (Nogueira, 2019, p. 42).

Ainda pela lente da sociologia dos indivíduos, Danilo Martuccelli (2012) propõe que os indivíduos enfrentam “provas sociais”, ou seja, desafios estruturais aos quais precisam responder usando suas capacidades pessoais e seus recursos sociais disponíveis. Aplicando esse conceito, percebemos que cada estudante enfrenta desafios específicos no processo de aprendizagem escolar como “provas”.

Seja a dificuldade em acompanhar o ritmo da aula devido ao barulho excessivo, seja a dificuldade emocional causada pela vergonha ou a insegurança em expor dúvidas, cada uma dessas situações pode ser entendida como provas sociais específicas do ambiente escolar.

A capacidade do estudante para enfrentar essas provas, como pedir ajuda ao professor ou buscar informações de forma independente, por exemplo, reflete diretamente o tipo de socialização e os recursos internos e externos disponíveis, influenciando fortemente suas experiências escolares.



As respostas sobre como os estudantes autistas percebem a aprendizagem evidenciam que eles possuem diferentes necessidades e percepções em relação aos recursos que facilitam sua aprendizagem. A presença de um professor auxiliar surge como um aspecto relevante, reforçando a importância do atendimento mais individualizado e do suporte contínuo.

Esse dado corrobora pesquisas que indicam que a figura de um mediador pode contribuir para uma melhor apropriação do conhecimento e para o desenvolvimento da autonomia dos alunos.

A preferência pela presença de um segundo professor ou auxiliar indica a importância da mediação humana para a ativação e para o reforço das disposições cognitivas e sociais dos estudantes autistas.

Além disso, adaptações sensoriais e estruturais também aparecem como elementos essenciais para um aprendizado eficaz. A necessidade de provas em locais mais silenciosos e de materiais acessíveis, bem como um tempo maior para a realização das atividades e dos trabalhos destaca como fatores ambientais podem impactar diretamente na concentração e no desempenho dos alunos.

Ressalta-se ainda, a sugestão por questões mais objetivas, garantindo uma compreensão maior do que é solicitado. “Frequentemente, a sobrecarga sensorial (visual, auditiva, tátil e olfativa) faz com que o aluno entre em “colapso”, tendo de ser retirado do meio “hiperestimulado” (Monteiro, 2019, p.38). Esse aspecto reforça a importância de políticas educacionais que garantam ambientes inclusivos e acessíveis a todas as necessidades.

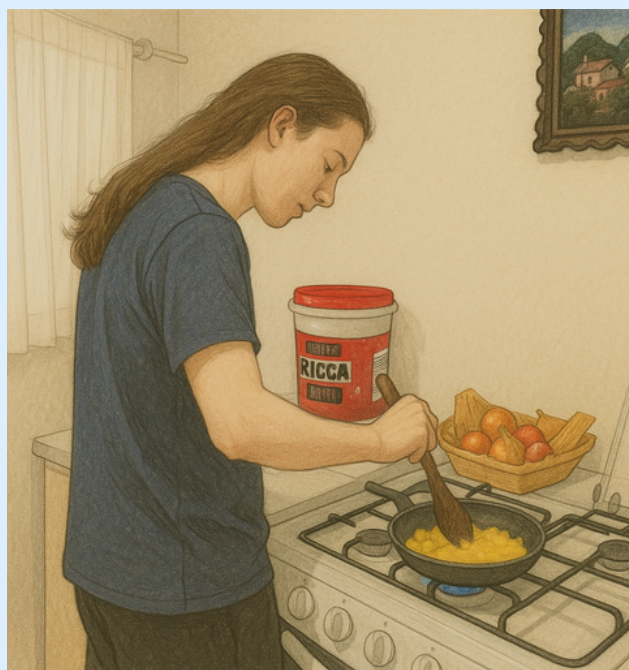
Ao responderem à pergunta sobre o que eles gostariam de dizer aos colegas, aos professores e ao mundo, os estudantes autistas sugerem à comunidade escolar compreender os desafios por eles enfrentados e identificar possíveis estratégias para tornar o ambiente educacional mais inclusivo e mais acolhedor. As respostas evidenciam diferentes perspectivas, desde a necessidade de adaptações estruturais e pedagógicas até a importância do respeito e da empatia no convívio escolar.

As respostas reforçam que a inclusão escolar vai além da presença física dos estudantes, abrangendo aspectos relacionais e estruturais. A necessidade de maior empatia e mais compreensão por parte dos colegas sugere que programas de conscientização e atividades que promovam o respeito à diversidade podem contribuir significativamente para um ambiente mais acolhedor.

Outro ponto relevante é a formação dos professores. A resposta que menciona a necessidade de educadores mais preparados e mais éticos sugere que, além do conhecimento sobre TEA, há uma preocupação com a postura profissional de alguns docentes. Isso destaca a importância de políticas institucionais que garantam um ambiente seguro e respeitoso para todos os alunos. Por fim, algumas respostas demonstram satisfação com a experiência escolar, evidenciando que a inclusão, quando bem conduzida, pode resultar em um ambiente positivo para o desenvolvimento acadêmico e social dos estudantes autistas.

Em suma, as dificuldades enfrentadas por esses alunos são variadas e estão relacionadas tanto a questões individuais (como necessidades sensoriais e emocionais) quanto a fatores externos, como o comportamento dos colegas e a falta de adaptação por parte de alguns professores.

É relevante que essas dificuldades sejam cuidadosamente observadas e abordadas para promover um ambiente escolar mais inclusivo e adequado.



A esse respeito, Couten (2023 p. 45) certifica que [...] “é importante compreender as necessidades individuais de cada aluno/a e adaptar o ambiente de aprendizagem para atender a essas necessidades. Isso pode incluir ajustes físicos, como reduzir ruídos e distrações, ou fornecer recursos visuais.”



PODCAST

Tema:

“Vozes Autistas” Experiências e percepções sobre Inclusão

PARA
OUVIR,
APERTE O
PLAY :



OU

ACESSE
PELO
QR CODE:



04

C O N S I D E R A Ç Õ E S

04

CONSIDERAÇÕES

Ao dar voz aos estudantes autistas e ao considerar suas percepções e suas vivências enquanto sujeitos do e no processo de inclusão, este Produto Educacional busca contribuir para a compreensão mais profunda das experiências e dos desafios enfrentados por eles.

Espera-se, assim, promover reflexões que enriqueçam as práticas pedagógicas e fortaleçam os processos de ensino e aprendizagem, tornando-os mais inclusivos, empáticos e responsivos às singularidades do espectro autista.

Além disso, ao abordar as necessidades específicas do público-alvo, o produto busca promover diálogos entre jovens com TEA e entre educadores, gestores e a comunidade escolar, visando a construção de um ambiente educacional mais acolhedor e efetivamente inclusivo para esse grupo específico.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais** [recurso eletrônico]: DSM-5 /tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento [et al.]; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli [et al.]. – 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 50-59.

ARAÚJO Raianny Kelly Nascimento; LIMA, Rafael Moreira; MARTINS, Viviane Lima. A inclusão escolar pela perspectiva docente: reflexões a partir dos textos legislativos. **Research, Society and Development**, DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i9.32038> v. 11, n.9, p. 1-10, julho, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/32038/27290>. Acesso em jun. 2023.

BARROS, Mayara Da Silva et al. Autismo: uma síntese histórica e clínica. Anais IV CINTEDI. Campina Grande: **Realize Editora**, 2020. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/72399> Acesso em dez.2024.

BRASIL.Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei 9394, de 23 de dezembro de 1996. Brasília/DF: MEC/SEF, 1996.

CARNEIRO, M. A. **O acesso de alunos com deficiência às escolas e classes comuns: possibilidades e limitações**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2013.

COELHO, Caroline Pugliero; et al. Educação Especial Inclusiva: histórico legislativo e contexto escolar, diálogos necessários. **Revista Educação e Políticas em Debate**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 441–458, 2022. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revistaeducaopoliticas/article/view/66017> . Acesso em set. 2024.

COUTEN, Suêni Pereira de Aragão. **Práticas escolares na inclusão de alunos/as com transtorno do espectro autista**. 2023. 97 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Frederico Westphalen, 2023.

FELTRIN, Maria das Graças Pereira. **Currículo e inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro do Autismo: produção coletiva de artefato cultural e suas mediações pedagógicas**. Cuiabá. 2022. 210 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2022.

FERNANDES, Murilo Henrique de Souza; SILVA, Ana Lucia Costa e. Transtorno do Espectro do Autismo (TEA): breve história para uma longa discussão. **Revista Master - Ensino, Pesquisa e Extensão**, [S. l.], v. 8, n. 15, 2023. Disponível em: <https://revistamaster.imepac.edu.br/RM/article/view/252> . Acesso em dez. 2024.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Juliana Marques de Souza; NOGUEIRA, Gisele Silva. Considerações sobre a prevalência do autismo no Brasil: uma reflexão sobre inclusão e políticas públicas. **Revista Foco**. Curitiba, v. 16, n. 3, p. 01-18, mar. 2023. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/1225> . Acesso em dez. 2024.

GUIMARÃES, Alda Patrícia Almeida Fagundes. **O (Des)velar do Posicionamento do Professor: escuta da criança com autismo na sala de aula**. 2023. 93 f. il. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador.

LAHIRE, Bernard. **Patrimónios individuais de disposições: Para uma sociologia à escala individual**. Sociologia, Problemas e Práticas, Oeiras, n. 49, set. 2005.

LIBERALESSO, Paulo. Transtorno Do Espectro Autista: Evidências Científicas no Campo das Intervenções Terapêuticas. In: LIBERALESSO, Paulo; LACERDA, Lucelmo. **Autismo: compreensão e práticas baseadas em evidências**. [livro eletrônico] / Curitiba: Marcos Valentim de Souza, 2020. Disponível em: <http://mid.curitiba.pr.gov.br/2021/00312283.pdf> . Acesso em dez. 2024

MARTUCCELLI, Danilo; SINGLY, François. **Las sociologías del individuo**. Santiago: LOM Ediciones, 2012.

MONTEIRO, Fernanda Cristina Bassetto. **A Inclusão Escolar do aluno com Transtorno Do Espectro Autista: Novos desafios e possibilidades**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2019.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

NOGUEIRA, Julia Candido Dias. **Eixos de interesse como estratégia para o desenvolvimento da aprendizagem de pessoas com autismo**. 2019. 109 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG, 2019. Disponível em: <https://bdtd.unifal-mg.edu.br:8443/handle/tede/1446> Acesso em dez. 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde** (11ª ed.). Genebra: OMS, 2019. Disponível em: <https://icd.who.int> . Acesso em dez. 2024.

PAOLI, Joanna de; MACHADO, Patrícia Fernandes Lootens. Autismos Em Uma Perspectiva Histórico-Cultural. **Revista GESTO-Debate**, v. 22, n. 01-31, 23 nov. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/gestodebate/article/view/17534> Acesso em dez.2024.

REFERÊNCIAS

PEREIRA, Angelina Gabrielle Moreira Ornelas. **Inclusão escolar e autismo na educação infantil: a participação de alunos com autismo na construção de práticas pedagógicas em turmas de educação infantil.** 2019. 98 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/14982> Acesso em dez.2024.

PEREIRA, Amanda Mendes; SOUSA, Eliene Rodrigues. **A importância da rotina e da previsibilidade para a aprendizagem de crianças e adolescentes com TEA.** Anais IX CONEDU. Campina Grande: Realize Editora, 2023. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/100060> . Acesso em dez. 2024.

QUARESMA, Cláudia de Oliveira Dias. **Desafios e possibilidades da escola para a inclusão da criança com autismo** – Cajazeiras, 2023

SBP. Sociedade Brasileira de Pediatria. **Manual de Orientação Transtorno do Espectro do Autismo.** Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento. n. 5, 2019.

SOUZA, Amanda Abrahão de. **Inclusão de sujeitos autistas: concepções e embaraços na educação pública.** 2023. 209 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2023.

SOUZA, Beatriz Doerner de; PAIM, Fernanda Regina Luvison. Aprendizagem da criança com Autismo. **Revista Saberes Pedagógicos**, [S.L.], v. 5, n. 3, p. 27-44, 20 dez. 2021. Fundação Educacional de Criciúma- FUCRI. Disponível em: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/pedag/article/view/6887> . Acesso em dez. 2024.

SOUZA, Thayane Azevedo Pereira de. **A relação pedagógica com o estudante autista: o (re)inventar de caminhos possíveis.** 2022. 265f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022. Disponível em: <http://app.uff.br/riuff/handle/1/27654> Acesso em dez. 2024.

REFERÊNCIAS

SPURIO, M. S. **Jogos digitais na atuação do professor do atendimento educacional especializado.** 2019. 105 f. Dissertação (Mestrado em Metodologias para o Ensino de Linguagens e suas Tecnologias) – Universidade Pitágoras Unopar, Londrina, 2019.

TEIXEIRA, Deibia Sousa Rodrigues. **Lucas, presente! por uma inclusão escolar das crianças com Transtorno do Espectro do Autismo que ultrapasse o prescrito nas políticas públicas.** 2019. 134 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/36186> Acesso em nov. 2024

